



METODOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO PARA O DIÁLOGO DE SABERES: AÇÕES TRANSFORMADORAS DA REDE DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS AGROECOLÓGICOS DO SUL DO BRASIL - REDE SAFAS

Methodologies of communication for the “Dialog Among Different Knowledges and Ways of Knowing”: transformative actions of the Network of Agroecological Agroforestry Systems of Southern Brazil (SAFAS Network)

Parra, V. J.^{1,5}; Schuler, H.^{1,6}; Simões-Ramos, G. A.^{1,7}; Casagrande, A.^{1,8}; Magnanti, N.²; Santos, K. L. Dos^{1,9}; Dionisio, A. C.³; Siminski, A.^{1,10}; Joner, F.^{1,11}; Siddique, I.^{1,4,12}

RESUMO

A Rede de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos do Sul do Brasil (Rede SAFAS) visa sistematizar diversos conhecimentos e experiências para propor ações transformadoras que ajudem a superar os obstáculos da multiplicação das agroflorestas. Para tanto, testamos diferentes metodologias de comunicação com vistas a facilitar o diálogo de saberes, incluindo macro-oficinas presenciais, pesquisas integrativas participativas e a produção colaborativa de materiais educativos. As macro-oficinas converteram-se em nós de amarração e ampliação da Rede, aprimorando vínculos entre comunidades locais e distantes, movimentos sociais e instituições de ensino, pesquisa e extensão. As pesquisas facilitaram a integração dos conhecimentos científico, técnico e tradicional por meio de métodos colaborativos, e o material educativo proporcionou visibilidade às experiências da Rede. A articulação dos participantes permitiu ampliar os conhecimentos dos obstáculos e impulsores das agroflorestas, bem como criou uma plataforma dialógico-reflexiva para futuras ações.

Palavras-chave: Articulação e Fortalecimento em Rede; Sistematização; Experiências Agroflorestais; Construção Participativa do Conhecimento.

ABSTRACT

The Network of Agroecological Agroforestry Systems of Southern Brazil (SAFAS Network) aims to systematize knowledge and experiences to propose transformative actions that help overcome obstacles to the multiplication of agroforests. For this we tested communication methodologies which facilitate the 'Dialog Among Different Knowledges and Ways of Knowing' (translation from: Martínez-Torres & Rosset 2014), including macro-workshops, participatory research synthesis and the collaborative production of educational materials. The macro-workshops became knots that tied the Network together and expanded it, improving links between local and distant communities, social movements and educational institutions, research and extension. Synthesis research facilitated the integration of scientific, technical and traditional knowledge through participatory methods, while the educational materials gave broader visibility to the Network's experiences. The interaction of diverse stakeholders broadened our knowledge of the obstacles and drivers of agroforests and created a dialogic and reflexive platform for future actions.

Keywords: Networking, Systematization; Agroforestry Experiences; Participatory Construction of Knowledge.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);

² Centro Vianei de Educação Popular, E-mail: natalmagnanti@gmail.com.

³ Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (Cepagro), E-mail: carudionisio@gmail.com

⁴ Coordenador da Rede SAFAS

⁵ E-mail: vparraleon@gmail.com

⁶ E-mail: hannarschuler@gmail.com

⁷ E-mail: grazianneramos@gmail.com

⁸ E-mail: bioalana@yahoo.com.br

⁹ E-mail: karine.santos@ufsc.br

¹⁰ E-mail: alexandre.siminski@ufsc.br

¹¹ E-mail: f.joner@gmail.com

¹² E-mail: ilysid@gmail.com

Recebido em:

26/07/2017

Aceito para publicação em:

16/02/2018

Correspondência para:

vparraleon@gmail.com

Reconstrução histórica

A Rede de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos do Sul (Rede SAFAS) surge das necessidades de: (i) integrar as experiências e conhecimentos dos diversos grupos parceiros envolvidos com a implantação, manejo, beneficiamento, comercialização, regulamentação e articulação das agroflorestas agroecológicas no Sul do Brasil; e (ii) apontar demandas prioritárias em relação a políticas públicas e ações futuras ligadas aos sistemas agroflorestais. No seu processo de construção e estruturação, a Rede SAFAS, cuja base histórica é anterior à sua criação, inspirou-se nas diferentes experiências agroflorestais agroecológicas do Sul do Brasil, tais como a Rede Ecovida, a Rede Juçara, a Cooperafloresta, o Centro Ecológico, o Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP), o Centro Vianei de Educação Popular; o Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (CEMEAR), a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASESOAR), a ECOCITRUS e o então Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, hoje, Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) (Figura 1).

Oficialmente, a Rede SAFAS nasce a partir da aprovação de um projeto junto ao edital nº 39/2014 que visava à criação de Núcleos de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA), com o apoio financeiro do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Figura 1. Linha do tempo apresentando as principais atividades desenvolvidas no âmbito da Rede de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos do Sul (Rede SAFAS).
 Fonte: Ana Carolina Dionísio, Natal Joao Magnanti, Rede SAFAS

Para nivelar nosso entendimento, é importante apresentar o conceito de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos (SAFAs), expressado, também, no logotipo da Rede SAFAS (Figura 2). Ressaltamos que a intenção é apresentar um conceito que está em construção, um ponto de partida para aprofundar o debate.



Figura 2. Logo da Rede SAFAS

Fonte: Juliana Duclós

SAFAs são sistemas de manejo da terra que integram cultivos herbáceos e lenhosos, simultânea e intencionalmente, com fins produtivos, embasados nos princípios da agroecologia, que visam a provisão de múltiplos benefícios socioeconômicos, ecológicos e culturais a promoção de autonomia e soberania das famílias no processo decisório, assim como a redução de insumos externos, que promovem o aumento da sustentabilidade e resiliência do sistema agroalimentar.

O objetivo central da Rede SAFAS é promover o diálogo colaborativo e sistematizar os diversos conhecimentos sobre SAFAs acumulados pelos parceiros da Rede (movimentos sociais, povos e comunidades tradicionais, ONGs, órgãos públicos de pesquisa e extensão, universidades e organizações de agricultores(as) familiares). Tal articulação busca auxiliar tomadores de decisões a refletirem e proporem ações transformadoras em suas realidades locais e áreas de atuação, assim como embasar propostas de políticas públicas que aliem produção de alimentos limpos e diversos com a conservação da natureza por meio de SAFAs, ou seja, promover sistemas produtivos sustentáveis e resilientes.

As três frentes de atuação que condensaram a maior parte das atividades da Rede foram: as macro-oficinas, pesquisas científicas integrativas e materiais educativos. As macro-oficinas foram grandes encontros que reuniram pessoas envolvidas com agroflorestas dos três estados do Sul do Brasil, além de parceiros de São Paulo e do México. Estiveram presentes gestores públicos, pesquisadores, extensionistas rurais, técnicos de órgãos ambientais, agricultores(as) familiares e assentados da reforma agrária, indígenas e quilombolas. Esses encontros contemplaram uma diversidade de atividades teórico-práticas e a aplicação de metodologias que buscaram viabilizar intercâmbios e acordar encaminhamentos para o fortalecimento da Rede SAFAS.

A primeira macro-oficina (MO1) foi realizada em novembro de 2015 no município de Dom Pedro de Alcântara, no litoral norte do Rio Grande do Sul (RS). O evento foi acolhido na sede do Centro Ecológico, uma das organizações integrantes da Rede SAFAS. O litoral Norte do RS é reconhecido pelo pioneirismo no trabalho de promoção das agroflorestas sucessoriais realizado pelos(as) agricultores(as) familiares, muitos dos quais apoiados pelo Centro Ecológico. Nesta região, os sistemas agroflorestais foram promovidos como uma alternativa às monoculturas convencionais de banana que estavam causando dependência econômica e danos ambientais (GONÇALVES, 2011). Além de diálogos, oficinas e palestras, os(as) participantes da MO1 conheceram experiências agroflorestais pioneiras, frutos do trabalho articulado de um conjunto de instituições, agricultores(as) e suas organizações.

A segunda macro-oficina (MO2) aconteceu em março de 2017 e foi acolhida pela Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) e pelo Instituto Contestado de Agroecologia (ICA), sediados no Assentamento Contestado, no município da Lapa, no Paraná. O ICA é um dos parceiros da Rede SAFAS e vem fomentando, por intermédio do projeto Florestando a Reforma Agrária (Flora), o desenvolvimento de agroflorestas agroecológicas envolvendo mais de 600 famílias em mais de 40 assentamentos do Paraná.

Nesta oportunidade, os participantes envolveram-se em debates, oficinas e palestras e puderam conhecer as dinâmicas sócio-organizativas da ELAA e do próprio assentamento. Os(as) estudantes da ELAA promoveram atividades culturais e apresentaram pedagogias alternativas de construção do conhecimento agroecológico. Nos lotes do Assentamento, que está inserido numa região de Floresta de Araucária, foi possível conhecer iniciativas agroflorestais com consórcios olerícolas inspiradas na experiência pioneira das agroflorestas sucessionais estratificadas da Cooperafloresta, outra entidade parceira da Rede SAFAS. Os alimentos produzidos nestas agroflorestas foram comercializados em uma feira que reuniu os(as) participantes da MO2, estudantes da ELAA e demais membros do Assentamento.

A segunda frente de atuação da Rede SAFAS compreendeu a realização de pesquisas científicas para a identificação dos principais impulsores e obstáculos ao desenvolvimento dos SAFAS. Ao longo dos anos de 2016 e 2017, foram integrados e sistematizados diferentes tipos de saberes oriundos de artigos científicos, de relatórios de projetos de desenvolvimento rural e de processos participativos conduzidos junto à agricultores(as). Os objetivos das pesquisas foi gerar insumos para tomadas de decisão e ações transformadoras pertinentes ao desenvolvimento dos SAFAS.

Por fim, a terceira frente compreendeu a elaboração de materiais educativos com o objetivo de socializar e divulgar experiências e conhecimentos agroflorestais. Neste sentido, foram produzidas peças de comunicação sobre as iniciativas e metodologias de trabalho da Rede. Entre 2015 e 2017 foram produzidos pôsteres científicos (PARRA et al., 2016, 2017b, SCHULER et al., 2016, 2017), audiovisuais (DIONÍSIO; TÜRCK, 2017), cartilhas/livros digitais e impressos (SIDDIQUE et al., 2017a; SIDDIQUE; DIONÍSIO; SIMÕES-RAMOS, 2017; SIMÕES-RAMOS; SIDDIQUE, 2017), um mapa interativo de construção contínua colaborativa (SIDDIQUE et al., 2017b), uma biblioteca aberta de imagens educativas (MORA; SIDDIQUE, 2017) e diversas matérias jornalísticas (disponíveis em: leap.ufsc.br/safas/publ). A elaboração dos materiais deu-se de forma participativa, seja na produção de roteiros para o registro audiovisual, seja na estruturação de capítulos e tópicos dos materiais escritos.

Em 2016, o trabalho da Rede SAFAS foi compartilhado no Seminário Regional de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia da Região Sul, realizado em Lapa-PR e promovido pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). A experiência da Rede SAFAS em metodologias de comunicação em rede e o trabalho de documentação e sistematização do conhecimento agroflorestal foi reconhecida e escolhida para ser sistematizada.

Por intermédio do projeto “Sistematização de experiências, construção e socialização de conhecimentos: o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras”, a ABA realizou, em fevereiro de 2017, uma oficina de sistematização na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Além da ABA e da Rede SAFAS, outros NEAs da região Sul participaram do evento. Nesta oficina, a ABA disponibilizou um leque de perguntas geradoras, condensadas em temas gerais e transversais, configurando a chamada “matriz de sistematização”. A matriz orientou a estruturação desta narrativa, bem como dos demais trabalhos presentes nesta edição da Revista Brasileira de Agroecologia (RBA). Além disso, por meio da oficina de sistematização foi definido o objetivo de nossa narrativa: relatar nossa experiência com as metodologias de comunicação que facilitem o diálogo de saberes para propor ações transformadoras no âmbito da Rede SAFAS. A Rede SAFAS no seu caminhar tem se orientado em vários dos tópicos da matriz, mas, para esta narrativa, consideramos os seguintes temas: processos educativos do núcleo, metodologias participativas, parcerias e políticas públicas, pela importância, similitude e sinergia com os eixos de ação da Rede. A seguir, vamos elucidar como os temas da matriz de sistematização e nossos objetivos como Rede se fusionam numa coprodução do conhecimento agroecológico.

Caminhos metodológicos

Somos uma Rede participativa de pesquisa-capacitação-ação que acredita que o conhecimento se constrói quando as diferentes vozes que a conformam dialogam entre si, promovendo processos educativos. A apropriação da realidade agroflorestal, o sentimento de pertencimento e o

empoderamento dos envolvidos na Rede SAFAS são os elementos que permitem que esse diálogo de saberes aconteça.

As opções pela pesquisa-capacitação-ação e pelo diálogo de saberes são escolhas teórico-metodológicas que, também, expressam a forma de nos posicionarmos politicamente na sociedade e nos espaços em que atuamos. O diálogo de saberes evidencia que todos somos sujeitos em construção, em constante formação crítico-reflexiva. Como metodologia dialética de comunicação para articulação, sistematização, pesquisa e divulgação de SAFAs, não há um único ponto de partida, o que há é um processo cíclico e simultâneo de conhecimento prático da realidade agroflorestal, comprometimento social e fundamentação teórica que se retroalimenta constantemente.

O diálogo de saberes promovido no âmbito da Rede se aproxima à prática de uma "ecologia de saberes", como proposta por Sousa Santos (2010). Nesta prática, considera-se que a ciência é parte desta ecologia, pois passa a dialogar e articular-se com outras formas de saber, evitando sua desqualificação. Igualmente, considera-se a pluralidade interna da própria ciência, cujos conhecimentos fornecem elementos para questionar hegemonias e monopólios de conhecimentos. Na ecologia de saberes os intercâmbios envolvem processos de tradução que pretendem identificar preocupações comuns, aproximações complementares e contradições. O horizonte é a utopia do interconhecimento, que pressupõe aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios, adaptando-os às novas realidades. Rompe-se a dicotomia sujeito cognoscente/objeto-cognoscível tão cara ao pensamento abissal preconizado pela ciência moderna (SOUSA SANTOS, 2010). Proposta semelhante encontra-se em (FREIRE, 1985), para quem a produção do conhecimento só acontece quando não há imposição de um saber sobre outro e quando se reconhece o contexto cultural e histórico no qual os grupos sociais estão implicados.

Entretanto, para a operacionalização da pesquisa-capacitação-ação e diálogo de saberes, necessitamos de ferramentas metodológicas que facilitem a interação dos grupos sociais envolvidos. As metodologias participativas foram escolhidas por favorecer o reconhecimento de demandas da sociedade civil e possibilitar maior participação popular nas tomadas de decisão. Até gestores em contextos institucionais e governamentais resistentes à participação popular efetiva começaram a adotá-las. Contudo, nem sempre o emprego de metodologias participativas resulta em maior participação de atores(as) marginalizados (as) nas tomadas de decisão (RIBOT, 2008). A percepção dos envolvidos(a) sobre a utilidade do processo em relação ao investimento de tempo e esforço, além de outros obstáculos, deve ser considerada, para além da intenção e abertura dos facilitadores (NEEF; NEUBERT, 2011).

Nesse contexto, a Rede SAFAS reconhece os desafios inerentes aos processos participativos e propõe superar esses obstáculos por meio de uma abordagem "colaborativa", que facilite a construção solidária de uma rede mais horizontal, bem como a contribuição ativa e sinérgica dos grupos sociais envolvidos. Desta maneira, busca-se o empoderamento de pessoas e grupos sociais com pouca voz ou poder sobre os seus sistemas agroalimentares.

A partir destas premissas, o agir da Rede SAFAS está direcionado por quatro eixos de ação interconectados (Figura 3) que perpassam pelos processos de ensino, pesquisa e extensão, e estão materializados nas frentes de atuação (macro-oficinas, pesquisas e materiais educativos) citados no item anterior e detalhados a seguir.

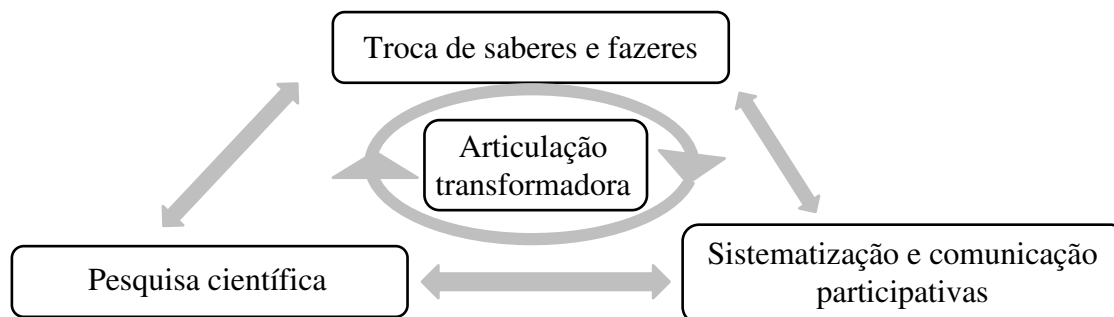


Figura 3. Principais eixos de ação da Rede SAFAS

Eixo troca de saberes e fazeres

Esse eixo se materializou, principalmente, nas duas macro-oficinas (MOs) que foram grandes encontros entre organizações parceiras da Rede SAFAS de cada um dos três estados do Sul. Para viabilizar o diálogo de saberes e a construção do conhecimento agroecológico, as MOs, por sua vez, foram estruturadas em três momentos: (i) diálogo interinstitucional – permeou discussões amplas e relevantes em torno dos impactos da legislação ambiental sobre as agroflorestas. Dentre as instituições participantes estavam empresas públicas de pesquisa e extensão rural, órgãos ambientais dos três Estados do Sul, movimentos sociais e academia. O diálogo expôs avanços e desafios para adequação da legislação ambiental a nível estadual e nacional. (ii) trocas de experiências práticas - realizadas por meio de visitas e oficinas em agroflorestas de agricultores(as) familiares e camponeses assentados e nas estruturas de beneficiamento de suas produções, como as agroindústrias e cooperativas. A condução destas atividades foi realizada pelos(as) agricultores(as) membros das entidades e organizações parceiras da Rede SAFAS; e (iii) a vivência junto a contextos sócio-organizativos específicos – permeou todos os momentos das macro-oficinas. A noção de vivência contempla as dimensões do contato com as paisagens e ecossistemas característicos, do consumo dos alimentos agroflorestais locais, das atividades culturais, oficinas e feiras oferecidas, bem como do aprendizado junto às experiências sócio-organizativas e pedagógicas características de cada um dos territórios agroflorestais que acolheram as MOs da Rede SAFAS.

Eixo pesquisa científica

O eixo pesquisa científica, materializado tanto nas MOs quanto em grupos focais, se propôs a avaliar quais obstáculos (fatores impeditivos) e impulsores (fatores estimulantes) afetam as condições de SAFAs, bem como quais as principais funções geradas (como serviços ecossistêmicos) para a sociedade por estes sistemas. A identificação desses fatores ajuda a compreender o sistema e potencializar as tomadas de decisões que retroalimentam o sistema, gerando modificações nos obstáculos e impulsores de SAFAs, num processo recursivo.

Utilizando processos colaborativos de comunicação, construção e decisão, as relações causais hipotéticas sobre SAFAs (obstáculos e impulsores) foram identificados por meio da abordagem da teoria da mudança. A teoria da mudança caracteriza a complexidade das relações causa-consequência de uma situação-problema e a representa numa ilustração gráfica (modelo conceitual) concebida participativamente (VOGEL, 2012). Num processo interativo e participativo de esboçar, adaptar e refinar essas relações causais do desenvolvimento agroflorestal, a equipe de pesquisa-ação da Rede SAFAS elaborou o fluxograma causal hipotético apresentado na figura 4.



Figura 4. Modelo conceitual construído participativamente, apresentando as relações causais hipotéticas dos obstáculos e impulsores de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos (SAFAs) que afetam suas condições (seta 1) e as suas funções providas à sociedade (seta 2) que retroalimentam para modificar para obstáculos e impulsores (seta 3). Teoricamente, estes efeitos (relações causa-consequência) entre os três grandes elementos do desenvolvimento agroflorestal (Obstáculos/Impulsores, Condições e Benefícios) podem ser invertidas (setas bidirecionais 1-3). Também é possível que um obstáculo ou impulsor diretamente afete outro (seta 4), uma condição afete outra (seta 5), e um benefício à sociedade afete outro (seta 6). A pesquisa do projeto SAFAS está sistematizando como os conhecimentos científicos e populares estão corroborando estes efeitos e apontando onde há lacunas.

Fonte: Parra et al. (2017a).

Esse modelo foi o ponto de partida das pesquisas científicas para verificar as relações causais partindo de diferentes fontes (como artigos científicos e relatórios de projetos de desenvolvimento dos parceiros da Rede SAFAS) e possibilitar o estabelecimento de um diálogo entre os diferentes tipos de conhecimento (científicos e tradicionais) relacionados à problemática agroflorestal agroecológica.

Para complementar a análise, foi necessário coletar dados em campo e, para isso, utilizamos a metodologia de grupo focal. O grupo focal é uma técnica de entrevistas com grupos de pessoas com características similares que permite obter informação específica com profundidade e em pouco tempo (STEWART e SHAMDASANI, 1998). Esta metodologia foi validada e aprimorada, inicialmente com os alunos da Pós-graduação em Agroecossistemas da UFSC, com vistas a explorar a possibilidade de construção participativa e contextualizada da ferramenta, assim como adquirir habilidade para sua aplicação. Após, foi aplicada junto aos(as) agricultores(as) das organizações parceiras da Rede SAFAS nos três estados do Sul do Brasil, resultando em um espaço interativo de troca de saberes, experiências e autorreflexão da situação agroflorestal.

Eixo sistematização e comunicação participativa

Esse eixo materializa-se tanto nos materiais produzidos como livros impressos e digitais, vídeo, pôsteres científicos, programação detalhada das MOs, quanto nas trocas de mensagens, nas reuniões presenciais ou virtuais e suas atas, nas cartas para autoridades e órgãos públicos, nos encontros presenciais e suas relatorias, na organização e análise dos dados das pesquisas científicas.

Todos os materiais educativos da Rede SAFAS têm como denominador comum a construção colaborativa, que mostra uma linguagem compreensiva e clara para os diferentes públicos interessados

e tem como objetivo dar maior visibilidade aos benefícios das agroflorestas agroecológicas na sociedade. Para reconhecer e apresentar essa diversidade de conhecimentos relacionados à Rede SAFAS nos materiais educativos foi preciso identificar pessoas não só sensíveis, mas engajadas e motivadas pela possibilidade de transformação do “modelo” hegemônico de produção e consumo de alimentos.

Durante a macro-oficina 1 da Rede SAFAS, foram entrevistados agricultores (as), técnicos (as), e pesquisadores(as) envolvidos(as) com Sistemas Agroflorestais Agroecológicos para indagar sobre experiências destes grupos sociais que convivem com a prática agroflorestal. O registro principal de imagens e fotografias que compuseram o audiovisual e os livros também aconteceu durante essa oportunidade. O roteiro de perguntas partiu de questões como: Por que precisamos de mais agroflorestas? Por que ainda temos poucas agroflorestas? O que precisamos fazer para termos mais agroflorestas? Com essas perguntas, buscou-se abordar os benefícios socioambientais, os obstáculos e desafios para expansão e desenvolvimento de SAFAS e as demandas identificadas pelos entrevistados, assim como, saber deles como a Rede SAFAS pode contribuir nesse processo.

Foram gravadas 22 entrevistas, com cerca de 30 a 45 minutos cada uma. Todo esse material foi transcrito pela equipe, gerando um rico subsídio para a elaboração dos diferentes materiais educativos. Para organizar o roteiro do audiovisual, essas transcrições foram sistematizadas por um “filtro temático”, selecionando as falas de acordo com os temas mais recorrentes, como: segurança alimentar e nutricional, benefícios socioambientais, obstáculos, papel da Rede SAFAS, gênero, construção de conhecimentos em rede e agroecologia. Organizadas em blocos, essas falas foram “recortadas” e colocadas em sequência, gerando um longa-metragem de uma hora de duração. A riqueza dos depoimentos tornou ainda mais árdua a tarefa de selecionar o material até chegar a um audiovisual de 20 minutos de duração.

Paralelamente à edição do vídeo acontecia a estruturação da cartilha “REDE SAFAS: Trazendo a Floresta para dentro da Roça”, pensada como uma publicação com linguagem acessível e leve, com textos curtos e várias imagens, ideal para trabalhos de sensibilização sobre agroflorestas. A cartilha é como uma versão impressa do audiovisual, apresenta os benefícios socioambientais dos SAFAS e os obstáculos para sua disseminação, os propósitos e ações da Rede para colaborar no desenvolvimento de mais agroflorestas e as experiências das organizações envolvidas acompanhada da lista de contatos desses coletivos e parceiros. Para abordar essas experiências em SAFAS, foi fundamental a colaboração das organizações, que cederam material fotográfico das agroflorestas implantadas e colaboraram na construção e organização do material. Por outro lado, com os resultados preliminares das pesquisas científicas elaboraram-se pôsteres para difundir os resultados encontrados sobre os obstáculos e impulsores das agroflorestas, bem como, dessa forma, motivar a discussão entre pesquisadores, gestores de projetos e outros grupos sociais interessados.

Finalmente, se sistematizou num livro digital o processo e aprendizados da macro-oficina 1 para apresentar de forma detalhada as vivências, experiências, conhecimentos técnicos, práticos, teóricos e científicos desenvolvidas nesse evento. O livro intitulado “Integração Participativa das Experiências com Sistemas Agroflorestais Agroecológicos no Sul (SAFAS) do Brasil: memórias 2015” está dividido em diferentes seções nas quais apresentamos o contexto histórico da Rede, as trocas de experiências, as oficinas teórico-práticas, os debates sobre legislação ambiental e descrevemos os primeiros passos das pesquisas integrativas.

Eixo articulação transformadora (parcerias)

Por fim, a articulação transformadora é um eixo transversal aos demais, que visa unificar as forças de cada parceiro e parceira e, conforme se avança no conhecimento sobre SAFAS, incentivar que os processos de tomadas de decisões ocorram, tanto no nível familiar e comunitário, quanto no nível municipal e estadual. Os demais eixos de ação da Rede SAFAS não se realizam se a articulação transformadora não estiver imbricada neles. A articulação transformadora deve estar comprometida com princípios éticos, sociais e ambientais, com um mundo equitativo, solidário e justo, ou seja, comprometida com processos sustentáveis e resilientes de reprodução da vida.

Reflexões

Os processos metodológicos colaborativos da Rede SAFAs permitiram criar uma plataforma de diálogo e aprendizados em torno das vivências institucionais e familiares dos sistemas agroflorestais, entendendo os seus obstáculos e potencialidades por meio da visão e experiência dos diferentes grupos sociais expressadas nas três frentes de atuação que foram as macro-oficinas, pesquisas e materiais educativos.

Trocas de saberes e fazeres: as macro-oficinas

As macro-oficinas constituíram espaços essenciais de articulação em rede, uma vez que são os encontros presenciais que permitem intercâmbios de conhecimentos e experiências em torno das agroflorestas agroecológicas como expresso abaixo:

“A possibilidade de diversas pessoas que estão empoderadas de conhecimento prático e teórico estarem num mesmo ambiente com o intuito de cooperação faz a diferença na capilaridade e na fluidez da informação circular entre os membros da rede. Desta forma, os conhecimentos tácitos dos(as) agricultores(as), indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais em consonância com os conhecimentos técnico-científicos dos técnicos(as), estudantes e professores(as) se somam para melhor compreensão dos avanços e gargalos enfrentados com o intuito de que mais agricultores(as) e suas organizações possam sustentar-se pelo manejo agroecológico das agroflorestas” (MAGNANTI, 2017, p. 7).

As trocas de experiências interinstitucionais e interestaduais se mostraram relevantes para a superação dos gargalos. Como exemplo, tem-se os intercâmbios entre técnicos(as) dos órgãos ambientais dos estados de Santa Catarina (Fundação de Meio Ambiente de Santa Catarina - FATMA), Paraná (Instituto Ambiental do Paraná - IAP) e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), assim como os aprendizados oriundos da experiência da "Certificação Agroflorestal" realizada pela Secretaria do Estado do Meio Ambiente no Rio Grande do Sul - SEMA/RS.

O diálogo interinstitucional nas plenárias buscou contribuir nos processos de legitimação de práticas agroflorestais promovidos pela agricultura familiar e por povos e comunidades tradicionais, subsidiando os órgãos ambientais para o fomento na construção de procedimentos de regularização ambiental adequados aos contextos destes grupos sociais.

As macro-oficinas converteram-se nos espaços de participação mais profícuos para agricultores(as) e povos e comunidades tradicionais (PCTs). Contudo, consideramos que é necessário priorizar uma maior participação desse público.

Um dos pontos mais marcantes da primeira macro-oficina foi a participação na Feira Ecológica de Torres (Ecofeira), na qual os(as) participantes do encontro puderam conversar com os (as) feirantes e consumidores(as). Todos os presentes puderam degustar alimentos agroecológicos e interagir em dinâmicas culturais propostas no contexto da educação ambiental e agroflorestal. As bancas montadas facilitaram a divulgação da biodiversidade e dos trabalhos dos membros da Rede SAFAS. A troca de experiências com o público externo à macro-oficina (produtores e consumidores) permitiu, não apenas dimensionar a importância da Ecofeira para o município de Torres, como também, divulgar a relevância das agroflorestas para a conservação da natureza e, simultaneamente, a produção de alimentos com qualidade.

Já na segunda macro-oficina, por ter sido realizada em um Assentamento, os diálogos giraram, também, em torno da experiência de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), mostrando que a reforma agrária pode ser uma grande aliada da conservação ambiental e das agroflorestas agroecológicas.

As macro-oficinas ofereceram aos(as) participantes a oportunidade de, não só conhecer agroflorestas, mas também, aprender sobre organização e luta social, assim como sobre práticas de plantio, podas, produção de mudas, planejamento de consórcios, preparo dos alimentos colhidos, reconhecimento e utilização de plantas medicinais das agroflorestas. Desta forma, relacionamos as

agroflorestas à organização popular, com a promoção da saúde, com a fitoterapia, com a soberania e segurança alimentar e nutricional (SSAN). Priorizar e reconhecer a importância destes saberes gestados nas práticas agroflorestais cotidianas permite aprender e aproximar-se de um efetivo diálogo de saberes.

Pesquisas científicas

As pesquisas científicas tiveram constante retroalimentação, seja na construção e aprimoramento das metodologias, seja na socialização dos resultados. Elas foram amplamente discutidas desde a formulação das hipóteses até as análises e apresentação dos resultados, tanto pela equipe de pesquisadores interdisciplinares da Rede SAFAS, quanto com o público amplo das macro-oficinas. Os aportes para a construção do conhecimento agroecológico foram obtidos por meio de metodologias participativas (Teoria da Mudança e Grupo Focal) que facilitaram a integração do conhecimento científico com o tradicional em torno da problemática das agroflorestas, ao mesmo tempo em que foram criados espaços de diálogo e intercâmbio de conhecimentos e experiências entre todos os parceiros da Rede SAFAS.

Os grupos focais geraram espaços dialógico-reflexivos sobre os obstáculos das agroflorestas percebidos pelos agricultores(as). O aprimoramento colaborativo desta metodologia em salas de aula e sua aplicação e adaptação de acordo com a realidade dos(as) agricultores(as) agroflorestais resultaram em práticos e dinâmicos grupos focais e, assim, em aproximadamente uma hora abordamos as três perguntas que orientaram o diálogo. Incluir os grupos focais nas atividades (reuniões mensais, capacitações periódicas, mutirões) já agendadas pelas organizações, foi uma estratégia eficiente para garantir a participação dos agricultores(as) e não gerar atividades adicionais na agenda de cada organização / instituição.

Os principais obstáculos identificados pelos(as) agricultores(as) nas agroflorestas por intermédio dos grupos focais foram: a) necessidade de capacitações e acompanhamento constante dos técnicos(as) em campo; b) necessidade de melhoria da relação campo-cidade com canais de comercialização mais diretos e com processos de conscientização de produtores e consumidores; c) mão de obra insuficiente; e d) dificuldade de permanência de novas gerações nas unidades familiares. Também foram elencadas possíveis propostas de ações para superar estes obstáculos, como: impulsionar o fortalecimento organizacional e o empoderamento partindo dos interesses e necessidades dos(as) agricultores(as), promover mais capacitações práticas e intercâmbios de experiências, assim como estimular processos de articulação e conscientização dos grupos sociais chave que incidem no desenvolvimento agroflorestal. A conclusão final dos grupos focais foi que a organização dos (as) agricultores(as) é a principal ferramenta para a superação dos obstáculos identificados nos processos produtivos agroecológicos.

As pesquisas científicas serviram para estabelecer um caminho interdisciplinar e dialógico entre os membros da Rede SAFAS, gerando uma construção participativa e integrativa dos diferentes tipos de conhecimento agroflorestal agroecológico.

Sistematização e comunicação participativas: processo educativo

As entrevistas realizadas revelaram a sintonia entre o discurso dos participantes da Rede. A ideia de que os SAFAs representam uma alternativa viável para conciliar a produção de alimentos e a conservação e regeneração ambiental emergiu quase em uníssono, reafirmando a importância de construir e divulgar esse diálogo por meio dos materiais impressos e audiovisuais. Todos os materiais produzidos pela Rede SAFAS estão disponibilizados no site (leap.ufsc.br/safas/publ), ampliando seu acesso para inspirar cada vez mais agroflorestas por todo o Brasil.

Para sistematização de conteúdos e sensibilização, as cartilhas impressas ainda constituem uma ferramenta relevante, assim como o audiovisual, sobretudo nos formatos virtuais e de fácil compartilhamento. O público aprecia receber e, sobretudo, ver-se retratado em uma publicação.

Políticas públicas

A principal interação com políticas, programas e ações governamentais da rede foi com a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PNAPO. Ademais, cita-se a consonância com o Plano Nacional de Recuperação de Vegetação Nativa - PLANAVEG.

Nesse último caso, a Rede, diante da diversidade de desafios vivenciados pelas comunidades praticantes de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos, especialmente observados durante a segunda macro-oficina, promoveu destaque para o debate da legislação referente ao manejo e certificação desses sistemas. A participação e sensibilização dos órgãos ambientais estaduais para a relevância dos sistemas agroflorestais como alternativa à recomposição de áreas de vegetação, conforme previsto pelo PLANAVEG, foi um elemento crucial dessa fase.

Consideramos que essa é uma ação transformadora que vem permitindo, inclusive, maior visibilidade dos sistemas agroflorestais junto a fóruns estaduais que tratam sobre a questão do meio ambiente. Talvez, o próximo passo seja promover tais ações transformadoras em fóruns estaduais que digam respeito ao âmbito da produção agropecuária de forma geral.

Lições aprendidas para a promoção de ações transformadoras

Nas diferentes atividades e encontros da Rede SAFAs integramos uma diversidade de parceiros que, usando metodologias participativas inovadoras, permitiram levantar informação relevante e gerar importantes lições nesta experiência sobre as agroflorestas no sul do Brasil.

Os encontros presenciais que unem teoria e prática, como foram as macro-oficinas, constituem relevante contribuição ao trabalho em Rede, pois, por intermédio desses espaços de diálogo e intercâmbio de experiências entre a diversidade de grupos sociais e conhecimentos, estimula processos de transição ecológica e de inovação em organização social. A escolha da localidade para a realização das macro-oficinas também é fundamental, pois, para que a amarração desta Rede seja feita de nós fortes, é importante que tais encontros se deem em espaços familiares aos agricultores(as), quilombolas, indígenas, assim como povos e comunidades tradicionais. O espaço conhecido, o sentir-se em casa, unido às metodologias participativas, possibilitam que estes praticantes das agroflorestas sintam-se à vontade para compartilhar seus conhecimentos e valorizados em expor prontamente os seus pontos de vista em relação aos diferentes temas.

A escolha dos temas a serem debatidos também é outro fator relevante a ser considerado, pois, quanto mais próximo for da realidade vivenciada pelos(as) agricultores(as), povos e comunidades tradicionais, mais interesse desperta nesse público e maiores serão as suas contribuições. Percebemos desde o princípio que a legislação ambiental da maneira como é aplicada na atualidade, muitas vezes, torna-se um grande obstáculo para os praticantes das agroflorestas e, por isso, foi dado um especial destaque a esta temática nas duas macro-oficinas realizadas.

A insistência em colocar em um mesmo local técnicos(as) de órgãos ambientais, agricultores(as) familiares, quilombolas e indígenas para discutirem a legislação ambiental voltada às agroflorestas promove uma simbiose entre estes grupos sociais, sensibilizando agentes governamentais para a dura realidade da agricultura familiar e dando voz aos praticantes agroflorestais no seu contexto social. Além disto, esta oportunidade em Rede possibilita fortalecer iniciativas inovadoras por parte dos agentes dos órgãos ambientais, pois os(as) técnicos(as) envolvidos(as) nestes espaços de debate encontram apoio e estímulo para enfrentar as resistências que impedem o reconhecimento do potencial das agroflorestas para a conservação dentro de suas próprias instituições.

As trocas de experiências constituem momentos de grande relevância para a construção do conhecimento agroecológico no qual evidencia-se uma característica fundamental das agroflorestas: a diversidade de práticas, plantas e técnicas que refletem um aprendizado criativo engajado num ambiente específico. Neste sentido, “cada agrofloresta é tão única quanto cada pessoa que a maneja” (PEDRO OLIVEIRA DE SOUZA, comunicação pessoal).

Entretanto, consideramos necessário priorizar a maior participação dos agricultores(as), indígenas e quilombolas, em especial mulheres e jovens. Os desafios inerentes à sua participação relacionam-se às suas dinâmicas familiares e de trabalho, mas também, ao acesso às informações e às condições logísticas de deslocamento. Neste sentido, o papel de mediação das instituições que desenvolvem projetos junto aos agricultores(as) e PCTs é fundamental. Embora a utilização de ferramentas virtuais para a articulação da Rede apresente muitas vantagens, em especial, devido à amplitude geográfica da mesma, muitas vezes, não serem efetivas para a comunicação direta junto aos agricultores(as) e PCTs. Portanto, é necessário construir estratégias de envolvimento efetivo e amplo das pessoas que cotidianamente vivem das agroflorestas.

Na área das pesquisas, o levantamento de dados de campo por intermédio de metodologias construídas coletivamente, serve para estabelecer uma relação interdisciplinar e dialógica da equipe de pesquisadores da Rede SAFAS com os(as) agricultores(as) praticantes de agroflorestas, integrando os diferentes tipos de conhecimento para um melhor entendimento da problemática agroflorestal. Ademais, a socialização dos resultados com o público amplo possibilita uma discussão e maior entendimento da relevância das pesquisas-ação científicas e importância da inserção dos(as) agricultores(as) e PCTs neste processo. Assim, o saber científico constitui uma das formas de conhecer o universo agroflorestal e tem seu horizonte ampliado e iluminado pelas experiências das demais entidades que compõem a Rede SAFAS.

Um desafio para futuras etapas das pesquisas é disponibilizar informação interativa e *online*, por exemplo, aprimoramentos de mapas (SIDDIQUE et al., 2017b) e outras ferramentas visuais intuitivas que facilitam a aprendizagem e articulação coletiva. Nestas ferramentas de comunicação o público interessado (estudantes, pesquisadores, agricultores(as), agentes de projetos, entre outros) pode interagir em tempo real com a problemática e experiências das agroflorestas agroecológicas. Outro desafio é investir em materiais de comunicação que atraiam interesse mais amplo na população ainda não sensibilizada. Para isso, é necessário buscar novas linguagens, formatos e abordagens para esses materiais que partam dos próprios agricultores e PCTs, ou seja, investir tempo para identificar como eles querem que suas experiências e conhecimentos sejam documentados, podendo ser por meio de livros de receitas, minidocumentários mais vivenciais e menos discursivos, publicações lúdicas, livros infantis, musicais, entre outras possibilidades.

Como coletivo SAFAS, percebemos que os graus de participação ativa na comunicação e nas tomadas de decisão nessa construção de rede variam muito entre participantes e ao longo do tempo, dependendo de tempo disponível, prioridade da construção de rede em relação a outras demandas e afins. Por este e outros motivos, a construção de rede pode passar por momentos participativos, protagonizados por atuantes motivadores da construção de rede e participação mais ou menos ativa de outros atuantes, de acordo com a sua dedicação à comunicação, tomadas de decisão e aos encaminhamentos.

Os principais desafios em relação às políticas públicas para o desenvolvimento das Agroflorestas observados dizem respeito à:

a) Maior integração entre órgãos públicos, demais agentes de desenvolvimento e pesquisa e comunidades na construção, implementação e avaliação das políticas públicas, o que só pode ser efetivamente alcançado mediante o fortalecimento de redes de trabalho cooperativo, como pretende a Rede SAFAS;

b) Necessidade de superação da setorialização de políticas públicas, buscando integração de ações em regularização ambiental e fundiária, em capacitação técnica, educação formal e em estratégias de comercialização dos produtos das agroflorestas da agricultura familiar, de povos e comunidades tradicionais;

c) Continuidade e ampliação de programas de compra institucional para produtos agroecológicos, com constante adaptação aos contextos organizativos e produtivos locais;

d) Adequação das legislações ambiental, sanitária e de sementes e mudas, de acordo com as necessidades dos agrofloreiros/as visando à desburocratização da regularização de práticas de manejo, beneficiamento e da comercialização de produtos oriundos das agroflorestas;

e) Ampliação de investimentos públicos em pesquisa agroflorestal, com ênfase especial em pesquisas participativas, assim como construção e socialização coletivas de conhecimentos;

f) Políticas públicas específicas para a permanência e qualidade de vida dos jovens e das mulheres no campo;

g) Por fim, o desafio atual da Rede consiste em viabilizar novos encontros presenciais e fomentar a continuidade dos diálogos interinstitucionais para dar seguimento aos encaminhamentos acordados nos diferentes espaços da Rede SAFAS.

A promoção de ações transformadoras, missão primordial da Rede SAFAS, é uma construção coletiva e de longo prazo, que inicia seu estabelecimento a partir das trocas promovidas durante esses dois anos em que a Rede plantou sementes que estão germinando e merecem o cuidado e a dedicação coletiva, a exemplo das agroflorestas. Todo esse esforço tem o objetivo de continuar ampliando a construção e socialização coletiva de aprendizados, celebrar os alimentos diversos e saudáveis e multiplicar os serviços ecossistêmicos promovidos pelas Agroflorestas.

Agradecimentos

Agradecemos às pessoas e instituições que aportaram e acompanharam o caminhar da Rede SAFAS e ao projeto de Sistematização de Experiências dos NEAs da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). Ao Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro para o Núcleo de Sistemas Agrofloreiros Agroecológicos do Sul (chamada nº. 39/2014). À *Secretaria Nacional de Educación Superior Ciencia Tecnología e Innovación* (SENESCYT-Ecuador), pela bolsa para o mestrando Vicente Parra.

Referências

- DIONÍSIO, A. C.; TÜRCK, G. **Rede SAFAS: Trazendo a floresta pra dentro da roça**. Brasil. Coletivo Catarse. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/qNn5YreRlFA>>. Acesso em: 5 ago. 2017.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GONÇALVES, A. L. Sistemas Agrofloreiros no Litoral Norte do Rio Grande do Sul: produção de alimentos e conservação da Mata Atlântica. In: PORRO, R.; MICCOLIS, A. (Eds.). **Políticas Públicas para Desenvolvimento Agroflorestal no Brasil**. 1. ed. Belém Pará: ICRAF, 2011. p. 25–35.
- MAGNANTI, N. J. Por que Integrar Experiências Agrofloreiros em Rede? Em: SIMÕES-RAMOS, G. A.; SIDDIQUE, I. (Org.). **Integração participativa das experiências com sistemas agrofloreiros agroecológicos no Sul (SAFAS) do Brasil: memórias 2015**. Florianópolis, SC: UFSC, 2017. p. 7. (Série Agroflorestas Agroecológicas do Sul em Rede, v. 1).
- MORA, J. S.; SIDDIQUE, I. **Biblioteca de imagens didáticas do diálogo de saberes agrofloreiros**. 2017. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/User:RedeSAFAS>>. Acesso em: 30 jul. 2017.
- NEEF, A.; NEUBERT, D. Stakeholder participation in agricultural research projects: A conceptual framework for reflection and decision-making. **Agriculture and Human Values**, v. 28, n. 2, p. 179–194, 2011.
- PARRA, V. J. et al. [Pôster apresentado] Agroflorestas agroecológicas promovem diversos benefícios sociais, econômicos e culturais no Sul do Brasil (Síntese preliminar). I Encontro “Territórios e Agroflorestas em Rede” - II Seminário das Agroflorestas; III Seminário de Frutas Nativas do RS; I Seminário de Desenvolvimento Territorial Sustentável da Região Sul; III Nhemboaty Mbya Kuery: teko ojevy angua regua, yy e’ëregua. **Anais...Osório/RS**: Instituto Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- PARRA, V. J. et al. Consórcio de saberes sobre obstáculos e impulsores das agroflorestas para encaminhar ações transformadoras em rede. In: SIDDIQUE, I.; DIONÍSIO, A. C.; SIMÕES-RAMOS, G. A. (Org.). **Construindo conhecimentos sobre agroflorestas em rede**. Florianópolis: UFSC, 2017a. p. 80–89. (Série Agroflorestas Agroecológicas do Sul em Rede, v. 3).
- PARRA, V. J. et al. [Pôster apresentado] Projetos de desenvolvimento: Uma oportunidade para a promoção da multifuncionalidade dos sistemas agrofloreiros agroecológicos? VI Congresso Latino-americano de Agroecologia, X

Congresso Brasileiro de Agroecologia e V Seminário de Agroecologia_ Agroecologia na Transformação dos Sistemas Agroalimentares na América Latina: Memórias, Saberes e Caminhos para o Bem Viver. **Anais...**Brasília, DF: Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Sociedad Científica Latino Americana de Agroecología (SOCLA), 2017b. RIBOT, J. C. **Building local democracy through natural resource interventions: An Environmentalist's Responsibility**. Washington, DC: World Resources Institute, 2008.

SCHULER, H. R. et al. [Pôster apresentado] Carecem evidências científicas sobre os gargalos das agroflorestas agroecológicas no Sul do Brasil. I Encontro "Territórios e Agroflorestas em Rede" - II Seminário das Agroflorestas; III Seminário de Frutas Nativas do RS; I Seminário de Desenvolvimento Territorial Sustentável da Região Sul; III Nhemboaty Mbya Kuery: teko ojevvy angua regua, yy e'ëregua. **Anais**. Osório/RS: Instituto Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

SCHULER, H. R. et al. [Pôster apresentado] Benefícios de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos (SAFAS) no Brasil: o que dizem os artigos científicos? VI Congresso Latino-americano de Agroecologia, X Congresso Brasileiro de Agroecologia e V Seminário de Agroecologia_ Agroecologia na Transformação dos Sistemas Agroalimentares na América Latina: Memórias, Saberes e Caminhos para o Bem Viver. **Anais...**Brasília, DF: Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Sociedad Científica Latino Americana de Agroecología (SOCLA), 2017.

SIDDIQUE, I. et al. **Rede SAFAS: Trazendo a floresta pra dentro da roça**. Florianópolis, SC: UFSC, 2017a. 34p. (Série Agroflorestas Agroecológicas do Sul em Rede, v. 2).

SIDDIQUE, I. et al. **Mapeamento colaborativo da Rede SAFAS com divulgação de eventos, feiras, capacitações e contatos**. 2017b. Disponível em: <<https://goo.gl/btse4P>> Acesso em: 03 jul. 2017.

SIDDIQUE, I.; et al. **Construindo conhecimentos sobre agroflorestas em rede**. Florianópolis: UFSC, 2017c. 92 p. (Série Agroflorestas Agroecológicas do Sul em Rede, v. 3)

SIMÕES-RAMOS, G. A.; SIDDIQUE, I. **Integração participativa das experiências com Sistemas AgroFlorestais Agroecológicos no Sul (SAFAS) do Brasil: Memórias 2015**. Florianópolis: UFSC, 2017. 66 p. (Série Agroflorestas Agroecológicas do Sul em Rede, v. 1).

SOUSA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SOUSA SANTOS, B.; MENEZES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31–83.

STEWART, D. W.; SHAMDASANI, P. N. **Focus groups: Theory and practice**. London: Sage Publication, 1998.

VOGEL, I. **Review of the use of "Theory of Change" in international development**. London UK Department of International Development, 2012. Disponível em: <www.isabelvogel.co.uk>. Acesso em: 17 maio. 2017.